



Director literario:

Accipitres
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collaço
PAPUSSE

D E C E P Ç Ã O

POR PÁPIM
Desenho de
PAPUSSE

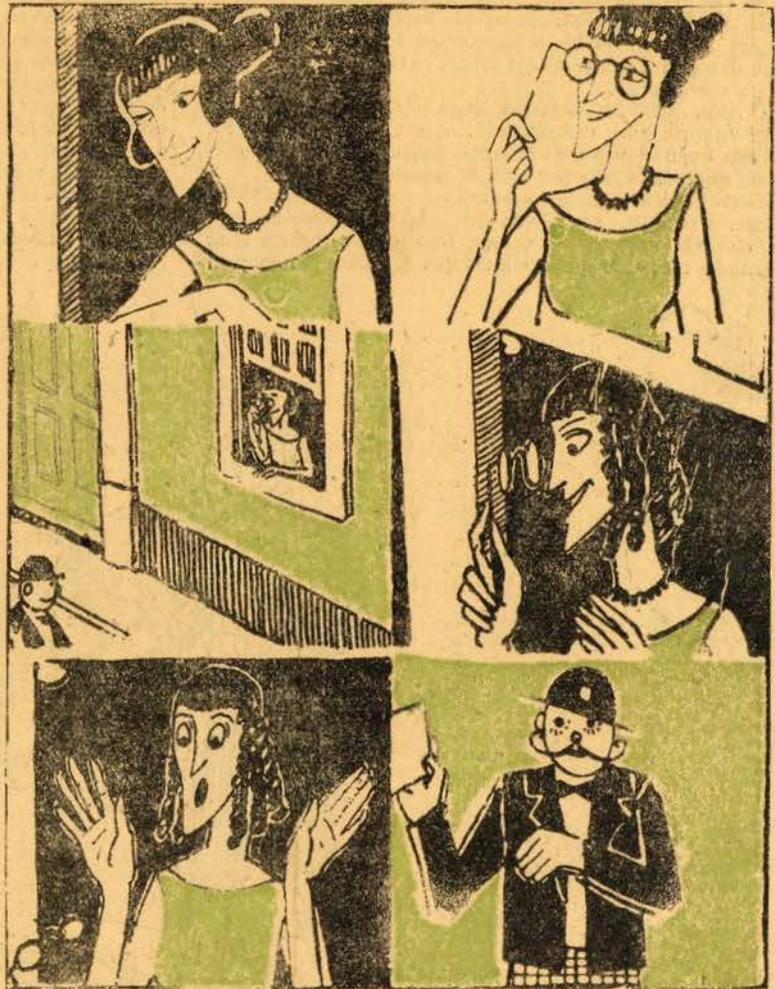
A dona Serapiõa
era excelente pessoa.
Tinha apenas um defeito:
— namorava a tórto e a cite.

Como era curta de vista,
comprara, num oculista,
um «lorgnon» com muito «chic»,
que lhe dava um certo tique.

Um dia, estando à janela,
com seus modos de donzela,
viu passar, por baixo, alguém
que lhe par'ceu muito bem.

Transformando os carrapitos
em caracóis bem bonitos
e seu «lorgnon» assestando,
logo se pôs namorando,

Mas — ó surpresa — entretanto,
repara, com grande espanto,
que o tal alguém, que ela achara
muito bem e que a tornara



por amor entusiasta,
era um boneco de pasta,
reclamando uma revista

duma grande sensação
e cujo protagonista
era um tal Sarapião.

F I M

História da Sardinha Moída

POR ANTONIO ALVES

Desenhos de EDUARDO MALTA

(Continuação do numero anterior)

O pescador mudou de rumo. Voltou a terra e chorando convulsivamente, levou no novo barco a sua última filha. Antes, porém, de embarcar, jurou, elevando as mãos ao céu, que nunca mais voltaria a pescar. O barco fez-se ao largo, aquele lindo e altivo barco que fazia a sua última viagem.

A tempestade era terrível. As ondas, numa luta incessante levantavam-se alto e tombavam, desfeitas em espuma, ao longo do veleiro. Os relâmpagos desciam em zig-zag e o som dos trovões fazia tremer de pavor a pobre menina. Grossas bâtegas de chuva, batidas pelo vento, fustigavam as velas do barco. Uma onda gigante ergueu-se mais alto e o peixe enorme, monstruoso levou a última filha do velho pescador.

Acabara o temporal; o barco regressou à praia, carregado de peixe.

Grande foi a alegria do povo a quem o pescador, despedindo-se da vida do mar, deu o peixe, as rêdes, o barco.

Na sua casinha branca, muito branca, ponco tempo mais viveu o pobre velhido. Ao morrer deixou ao filho muitas moedas de ouro, muitas e aconselhou-o a correr mundo, a fugir daquela terra onde ele vivera para só encontrar luto para o seu coração.

O filho assim fez, deixou a linda vila, pertinho do mar, e foi caminhando, caminhando... Um dia passava ele na floresta quando viu dois homens, que discutiam tão rudemente que pouco faltavam para se espancarem.

Correu a eles e perguntou-lhes a razão de tão azeda discussão. Um deles respondeu que tendo tido como herança um chapéu, uma manta e uma bota, o outro queria ficar com tudo, alegando que era a ele que as coisas pertenciam.

—Mas para que querem vocês essas coisas tão velhas?! Para que lhe serve isso? E estão vocês a discutir tanto...

—Ora disse um dos homens —E' que êste chapéu torna a gente invisível e, estendendo a manta, e calçando a bota abre-se uma porta.

Grande foi a surpresa do filho do pescador e, pensando uns momentos, disse:

—Pois é muito fácil de resolver a contenda. Vocês vão para além, para junto daquêle cedro. Eu fico aqui com as coisas. Chegados lá, vocês desatam a correr e aquêle que chegar primeiro ao pé de mim será o dono do talismans.

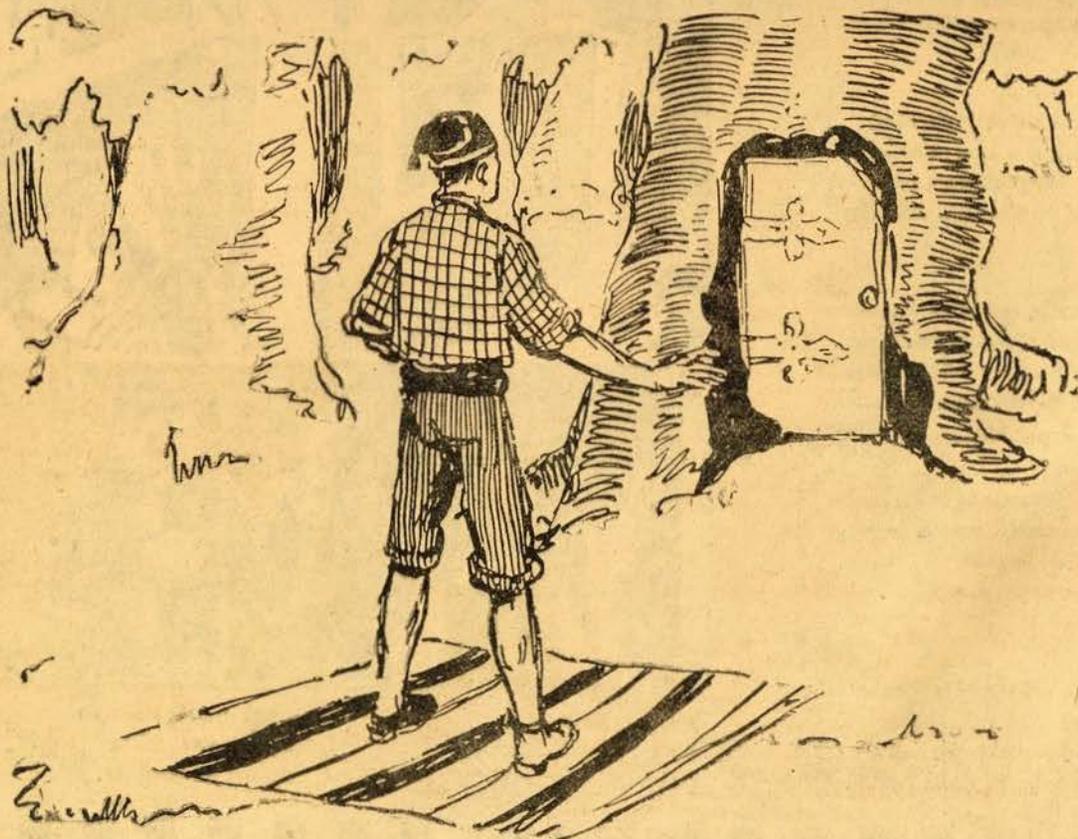
Os homens aceitaram e lá foram discutindo até ao velho cedro. Quando porém se voltaram e se dispunham a correr já não viram ninguém.

O filho do pescador tinha posto o chapéu na cabeça. Em vão os homens o procuraram. Na sua fúria envolveram-se os dois á pancada, enquanto o esperto filho do pescador muito perto dêles ria a bom rir. E lá os deixou a espancarem-se e a insultarem-se.

Largo tempo caminhou invisível, até que, chegando cêrca dum grande muro, se resolveu a experimentar os outros talismans e estendeu a manta e calçou a bota.

Imediatamente se abriu uma porta. Entrou e começou a descer a descer muitas e muitas centenas de degráus. A' medida que descia, a luz era mais clara e um vago perfume a mar inundava toda a imensa escudaria. Cheirava a algas, a peixe. De repente os degráus acabaram e um enorme portão de ferro, impedia lhe a passagem. Tocou, ao de leve, na pessada argola e o portão abriu-se de par em par. Cada vez era mais o cheiro a mar.

Então e, depois de ter dado alguns passos num corredor





muito claro, muito fresco, nova porta se abriu e aqui não foi o seu espanto quando viu, numa grande sala toda de mármore branco, rodeada de muitos peixes, deitada num coxim todo feito de escamas, a sua irmã mais velha.

A alegria de ambos foi enorme. Há tanto tempo que se não viam.

Estranhando ver a irmã conversando animadamente com os peixes, ela respondeu-lhe que todos aqueles peixinhos eram os fidalgos e as damas da sua corte.

Os peixes foram buscar vinhos e doces e os dois largo tempo conversaram.

De repente, ouviu-se um enorme mover de ondas. Dir-se-hia que o mar ia entrar todo naquela sala.

— O que é isto? — perguntou o filho do pescador.

— É o meu marido que chega. — respondeu alegremente a irmã.

E um peixe enorme, todo de escamas verdes, entrou e mergulhou numa grande piscina que havia no meio da casa. Minutos depois, o peixe-monstro saía transformado num lindo príncipe e todos os outros peixes se transformaram, também, nas mais lindas damas e fidalgos.

Como regosijo por ter conhecido o cunhado, o príncipe peixe organizou grandes festas que levaram dias. Por fim, o filho do pescador quiz partir e, à despedida, o príncipe disse-lhe:

— Toma esta escama verde. Se um dia te vires aflito, chama pelo teu cunhado: — «Rei dos peixes».

Guardando a escama, que brilhava como uma linda esmeralda, o filho do pescador partiu. Foi andando, andando, andando... Viu lindas terras, lindas paisagens e, ao cabo de muitos dias, parou numa grande floresta. Estendeu a manta e calçou a bota e, imediatamente, no tronco dum grande carvalho, se abriu uma porta. Entrou. Diante dele, prolongava-se um grande corredor,

Andou, andou muitos e muitos metros. Por fim, viu um grande portão de ferro no qual tocou ao de leve e que logo se abriu de par em par. Numa sala muito bonita, a sua segunda irmã conversava com muitos carneirinhos. O seu espanto foi grande mas maior foi a alegria de ambos, ao verem-se depois de tanto tempo de separação. Mal tinham acabado de se abraçar um enorme rugido ressoou por toda a sala e um carneiro muito grande, muito grande, entrou precipitando-se numa grande piscina. Momentos depois, saía transformado num lindo príncipe. Ao mesmo tempo todos os outros carneirinhos se transformaram, também, nas mais lindas damas e fidalgos.

Grande foi o contentamento do príncipe-carneiro ao conhecer o seu cunhado. Ordenou grandes festejos que dura-

ram muitos dias. Ao fim, o filho do pescador quiz partir e, à despedida, o príncipe disse-lhe:

— Toma este caracol de lá. Se um dia te vires aflito, chama pelo teu cunhado: — «Rei dos carneiros».

O filho do pescador saiu. Era já a segunda irmã que encontrava. Cheio de Alegria e de esperança, foi andando, andando... Havia de encontrar a mais nova. Andou muito, muito, e um dia chegou a uma montanha toda de rochas muito grandes. Estendeu a manta e calçou a bota e imediatamente, numa rocha, se abriu uma porta. Entrou e começou a subir muitas e muitas centenas de degraus. À medida que subia, o ar era mais puro e uma cor muito azul, do azul do céu, inundava a imensa escadaria. Por fim viu um enorme portão de ferro. Tocou-lhe ao de leve. Abriu-se logo de par em par, e qual não foi o seu espanto quando viu a sua irmã mais nova, rodeada de muitas aves que voavam carinhosamente à sua volta. Grande foi a alegria da menina ao ver o seu irmão. Abraçaram-se e beijaram muito. Ele deu-lhe notícias das outras irmãs e ela contou-lhe que o peixe de escamas verdes, que a tinha levado naquela manhã de temporal, era irmão do marido da segunda irmã e do seu que breve chegaria. De facto, daí a momentos, uma ventania enorme e um bater de asas muito forte, fez-se ouvir na vasta sala, e uma águia muito grande entrou e precipitando-se numa piscina saíu, minutos depois, transformado num lindo príncipe. Como aconteceu com os peixes e com os carneirinhos, todas aquelas lindas aves se transformaram, também, nas mais lindas damas e fidalgos.

Grande foi o regosijo do príncipe-águia que organizou lindos festejos em homenagem ao seu cunhado. Muitos e muitos dias a corte esteve em festa, até que o filho do pescador quiz partir. À despedida, o príncipe, abraçando-o, disse-lhe:

— Toma esta pena. Se um dia te vires aflito, chama pelo teu cunhado: — «Rei das aves».

E ele, o filho do pescador, partiu alegre. Sabia já das três irmãs e, o que era mais, sabia-as felizes, amadas pelos seus poderosos maridos.

E foi andando, andando...

Percorreu muitas terras, muitas. Até que um dia chegou a uma cidade lá para as bandas do Oriente. Na praça da cidade, erguia-se uma torre muito alta e o povo, reunido na praça, gritava e chorava, levantando as mãos ao céu.

Era grande o barulho que toda aquela gente fazia mas maior era ainda o de um forte gemido, rouco, terrível que se prolongava no espaço.

(Continua na proximo numero)



A Máscara de Veludo Verde

Por ADELAIDE VILHENA FRAGOSO
Desenhos de EDUARDO MALTA



OUVE outrora um rei e uma rainha, muito poderosos e amados pelo seu povo. A sua côrte era faustosa até tocar o exagero. Para cúmulo de felicidade, duas crianças nasceram realizando, sem dúvida, o mais ardente dos seus votos.

A jóven princesa Clotilde, herdeira do trono, parecia-se em tudo com o pai. Era forte e aliava e tinha muito génio.

Quanto à princezinha Helena, era uma estranha e misteriosa criatura, que os reis tinham guardado avaramente aos olhares de tóda a gente. Porquê? Ninguém o sabia, Helena vivia numa tórre altíssima.

A ama, a única pessoa estranha que a vira durante o tempo em que foram necessários os seus cuidados, nunca mais lhe puzera os olhos em cima, desde que aqueles terminaram.

Para poder respirar o ar puro, indispensavel à saúde, Helena descia ao jardim e seguia logo para o seu canto predilecto.

Estes pequenos passeios não impediram que a vida anormal que levava na tórre, alterasse a a saúde da princeza, porque um dia Helena teve que recolher ao leito, muito doente. Todo o povo ficou consternado. Sem nunca a terem visto, amavam-na loucamente. Ela era, para éle, o anjo desconhecido mas bondoso, uma promessa para o futuro, que cada um esperava.



Tinham já pedidos a fazer, quando essa criança aparecesse. E todas as graças e esperanças concentravam-se no dia famoso em que a misteriosa princesa seria apresentada ao seu povo, que já a adorava.

Esperando-a, o povo amava-a e seguia com interesse as fases da doença repentina que dera em Helena.

Logo que o perigo passou, o delírio da alegria chegou aos extremos. E ainda mais quando soube-



ram que, por exigências dum físico que a tratara, a princesa teria que tomar parte nas festas que se realizassem no reino e que para mais completo restabelecimento, daria longos passeios pelos campos. Como se deve calcular esta boa nova foi motivos duma alegria louca.

Tornou-se um dia memorável, aquele em que a princesa saiu da torre, pela primeira vez.

Os reis não tinham mandado ninguém anunciar este facto, mas, sem se saber como, o segredo transpirara, toda a gente sabia o que ia suceder.

Os mais nobres senhores da corte, belas damas de honra, págens camareiros e criados misturavam-se à entrada da escada de honra enquanto nas avenidas, e por toda a parte, a multidão se apertava.

Emfim, o coche da rainha saiu lentamente dum dos jardins do palácio, daquele em que estava a princesa Helena.

Esta, vinha sentada sobre almofada de brocado, ao lado de sua mãe. Trazia a cabeça pendida e como que absorvia num sonho. Subiram ao ar girândolas de foguetes e o povo aclamava com entusiasmo a real criança. Como se aqueles gritos a despertassem, Helena levantou a cabeça e, levando os dedos aos lábios, atirou um beijo à multidão.

Um silêncio, súbito, impressionante, fizera-se instantaneamente. Todos olhavam para o rosto da princesa. Trazia uma máscara! Uma máscara de veludo verde ocultava o rosto da desejada princesa.

Os que estavam mais próximos do côche, aperceberam pela abertura dos olhos, as pupilas negras, admiráveis e brilhantes como dois fogos. De longe, apenas se lhe distinguiram os cabelos negros como uma noite escura e o corpo esbelto e lindo como o de sua mãe.

Esta, dera uma ordem breve a um págem que a transmitiu ao cocheiro. Provavelmente não queria prolongar a contemplação do povo. O côche retomou a sua marcha e desapareceu no meio das aclamações.

Os comentários começaram. Todos perguntavam o motivo porque a princesa usava máscara. Aquele pequeno retalho de veludo verde trazia mais uma auréola de mistério a juntar ao ídolo do reino. Então, o monarca fez saber que: «se a princesa usava a máscara era para cumprir uma promessa que a rainha fizera a uma fada muito poderosa que exigira que Helena não descobrisse o rosto senão no dia do casamento».

Esta explicação serenou os espíritos, mas não os convenceu.

Helena foi crescendo, andando entre a corte como um enigma vivo. Falava pouco, mas o timbre da sua voz era uma verdadeira música. Mostrava-se doce e boa para todos e, por sua intervenção, todos obtinham do rei os mais difíceis pedidos. O seu nome era venerado. Chamavam-lhe «a nossa boa princezinha» e a «bemfeitora querida».

Mas, quando lhe queriam agradecer os seus serviços, fugia com a sua máscara impenetrável.

O rei, a rainha e Clotilde amavam ternamente



o princezinha. Por todos adorada, aquela criança devia ser a pessoa mais feliz da terra. Mas não. O pesado fardo do mistério pesava sobre ela e trazia-a triste e desolada.

Por ela, os soberanos davam maravilhosas festas e cada qual esforçava-se por fazer rir a pobre princesa. Mas em vão. Helena não saía da sua fria indiferença.

(Continua na página 7)

A Máscara de Veludo Verde

(Continuação da pág. 5)

Teria um coração de gelo? Não, porque pas-sava o tempo a fazer o bem.

Helena consolava os que estavam desgostosos e espalhava a felicidade em que não podia tomar parte.

Assim que a viam atravessar as galerias sumptuosas do palácio real, em dias de festa, mergulhada no seu sonho, não mais retiravam os olhos de cima dela.

Vestia com uma graça inimitável e penteava bem os cabelos de azeviche, ornando-os, apenas, com um simples diadema de estrelinhas de ouro. Mas a implacável máscara de veludo, ocultava avaramente o tesouro dos olhos da bela princezinha.

O que, sobretudo, entusiasmava os habitantes do palácio, era o facto de ela tanger, de quando em quando, as cordas duma lira. A sua voz elevava-se sonora e suave. Parecia um anjo.

Logo que Heleda fêz dezoito anos, muitos pre-tendentes fizeram sabêr ao rei que aspiravam à mão da princeza. O soberano, depois de longas hesitações, escolheu dois príncipes, igualmente belos e ricos e deixou que a filha escolhesse um deles para esposo.

Desde êsse momento, a tristeza de Helena au-mentou. Estava incapaz de tomar uma resolução. Finalmente declarou aos jóvens príncipes.

«Ide cada qual para o vosso reino e autori-zo-vos a voltar num dia fixado para o meu casa-

HORA DE RECREIO



100 p

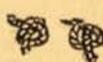


a



Morenita

Jo



ir



Morenita



cebam



da



na



mita

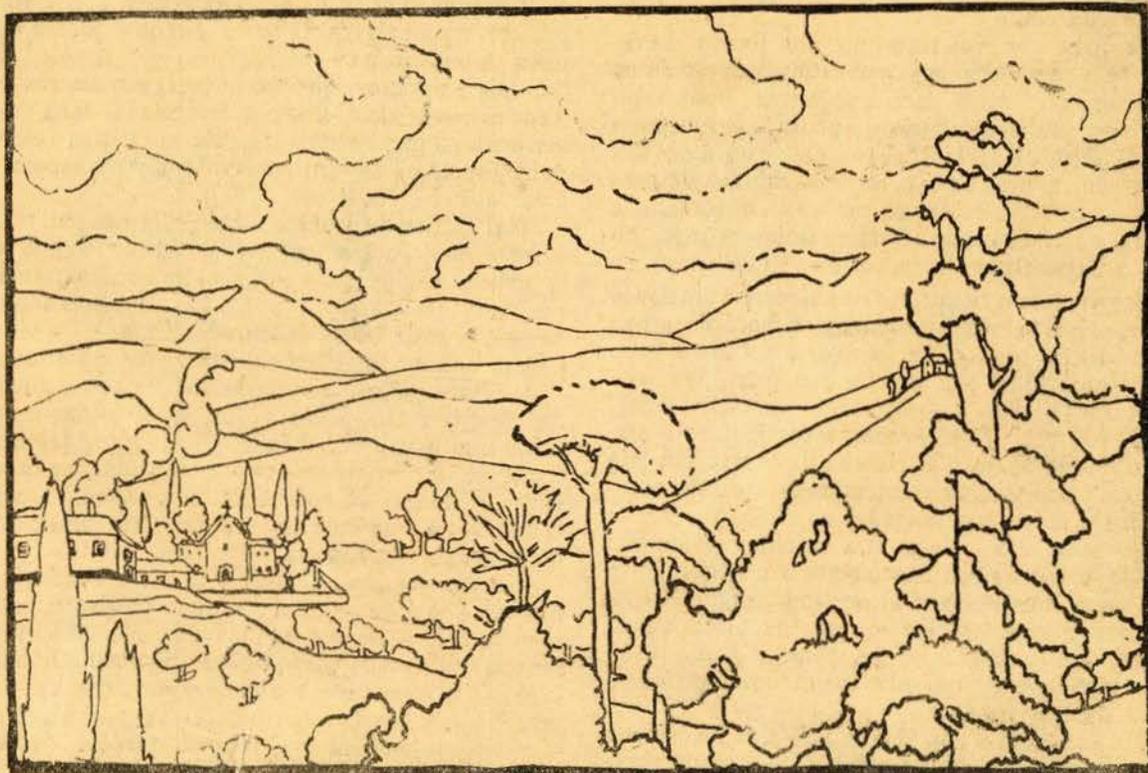
Enigmas figurados por Morenita

Morenita

mento. Então, eu exigirei uma prova difícil e se algum de vós a vencer, êsse obterá a minha mão.

Os preparativos do casamento ocuparam, desde êsse dia, tôda a gente, excepto Helena que se re-

PARA OS MENINOS COLORIREM





colheu à torre onde passara a infância. Dir-se-ia que não queria vêr os esplendores que se preparavam para ela.

Os príncipes voltaram no dia fixado. Levaram-nos à presença da rainha que, depois de os cumprimentar, disse para a seguirem. Após subirem uma longa escadaria de pedra, chegaram ao alto da torre de Helena. A princesa estava envolta numa túnica prateada, e os seus cabelos de azeviche, caíam-lhe sobre os ombros. Conservava-se direita e imóvel como a estátua duma esfinge. No rosto a impenetrável máscara de veludo verde.

Os príncipes inclinaram-se e ela recuou um pouco dizendo: «Não vos aproximeis, a hora da prova chegou?» E, num gesto brusco, arrancou a máscara. Dois gritos soaram. Os dois príncipes contemplaram um rosto desfigurado, uma boca deformada, um nariz torto e umas faces pálidas e macilentas que davam a Helena uma cara tão feia que os príncipes, ao contemplá-la, ficaram emudecidos e como que pregados ao chão.

Ouviu-se um soluço e a rainha murmurou: «Desde o dia do seu nascimento a infeliz criança está assim deformada. Fui obrigada a pôr-lhe esta máscara que é mágica e que lhe tornava pelo menos, bem modelados os contornos do rosto, mas, logo que a tire, fica assim horrenda como agora a estais vendo!»

Helena, com a sua voz de cristal falou por sua vez: «É a prova! Se um de vós tiver ainda coragem de casar comigo, levante-se e fale! Se não, ide-vos e sem receio de eu vos ficar querendo

mal». Ao dizer isto, duas grossas lágrimas deslizaram pelas faces macilentas da pobre princezinha.

Um dos dois príncipes inclinou-se e saiu sem proferir uma palavra. O outro, pondo o joelho em terra, falou assim:

«Dôce princesa, que me importa o vosso rosto? Tendes uma alma linda e imaculada, uma voz maravilhosa que encanta e conforta os tristes e esses dons preciosos bastam-me. Sede minha esposa e amarvos-hei eternamente.

Mal acabou de proferir estas generosas palavras, o rosto da princesa transformou-se por completo. A palidez cadavérica que tinha, foi-se substituindo por uma côr rósea e o nariz, boca e olhos tornaram-se os mais belos do mundo. Nunca o príncipe julgou que pudesse haver beleza tão admirável.

— Meus filhos, disse a rainha, juntando a mão de Helena à do príncipe, fizestes terminar o encanto que uma terrível fada lançara sobre Helena, e que só terminaria se um príncipe quisesse casar com ela, apesar da sua fealdade. A minha adorada filha julgava que esse dia não chegaria nunca. Eis o motivo da sua tristeza!»

No dia seguinte, quando o príncipe conduzia a radiosa noiva ao altar, a multidão delirante, aclamou à sua passagem aquela que não tinha já a máscara de veludo, mas que era, como todos tinham predito, a mais bela e a melhor de todas as princesas!... A bondade do coração rasgara o véu de mistério que envolvera Helena durante dezoito longos anos!...